



CLUBE ESPORTIVO RUY BARBOSA : DA “PELADA” AO SOCIAL

Leticia Portella Milan¹

Resumo:

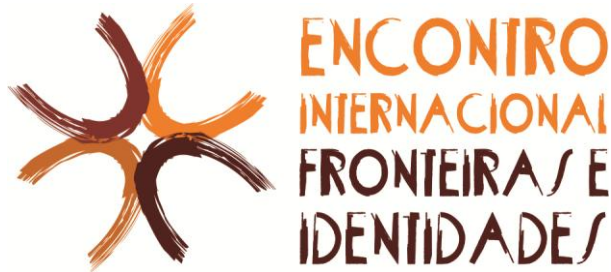
Em Pelotas, assim como em outras cidades, o futebol é incorporado pela cultura operária. Em Pelotas, em 1911, é fundado o Grêmio Esportivo Brasil, a partir de uma cisão do Sport Club Cruzeiro do Sul, formado por funcionários da Cervejaria Haertel, e cujo campo localiza-se em uma área segregada da cidade, ao lado da estação ferroviária, na zona industrial (MASCARENHAS, 2001, p. 201). Sabendo da existência destes clubes de futebol amador como meio de lazer dos trabalhadores das fábricas, e também dos moradores dos bairros, proponho neste trabalho basear espacialmente os clubes amadores do bairro Várzea, em Pelotas, tendo o Clube Esportivo Ruy Barbosa como objeto de pesquisa. Através deste clube, busco com a ajuda da história oral de analisar as regras comportamentais apresentadas pelos ex-sócios em ambientes festivos, sendo o espaço temporal delimitado pela época dos entrevistados. Justifica-se o estudo sobre este clube, pela importância de preservar a memória coletiva dos residentes da zona portuária pelotense que frequentaram o clube, na qual este proporcionou um meio de lazer e interação social. É importante também compreender de que maneira as relações criadas através deste clube interferiram na forma como cada pessoa incorporou a sua rotina, como por exemplo, através das regras de comportamento.

Meu projeto de pesquisa de graduação surgiu de forma inesperada. Durante uma visita a cidade de Pelotas tive oportunidade de conversar com as pessoas mais velhas que residem no bairro que vivi durante minha infância. Nesses diálogos acabei por ter uma grande surpresa, um antigo salão que frequentei quando criança era na verdade a sede de um clube de futebol amador.

Tentando saciar minha curiosidade sobre essa nova “descoberta” fui buscando outras pessoas e captando novas conversas para saber sobre o passado deste clube. Devido as péssimas condições estruturais da sede do clube nenhum documento pode ser salvo e apenas restou-me ter acesso a Ata de fundação, na qual descreve a inauguração do Grêmio esportivo Ruy Barbosa em 31 de maio de 1927 na cidade de Pelotas.

Através de leituras sobre a cidade pude perceber que os espaços de lazer variaram de acordo com a classe, a etnia e até sobre a profissão. Em um artigo de Beatriz Loner

¹ Graduanda da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: leticiapmilan@gmail.com.



chamado “Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX” é possível ver que naquela época a Igreja Católica era grande provedora de espaços de contato entre as pessoas, seja a través de missas ou quermesses. A elite pelotense via como papel fundamental os saraus e reuniões familiares, que por meio disto poderiam apresentar à sociedade seus filhos, cultivar amizades e fazer negócios. Em festividades carnavalescas, por exemplo, essas famílias ofereciam suas casas para que houvessem os bailes, recepcionando até clubes e grupos carnavalescos. Entretanto, as outras classes sociais não utilizavam suas casas para essas festividades, logo era necessário que criassem espaços para esses fins.

Foram criadas diversas associações, na qual algumas agregavam as pessoas por etnia, servindo não apenas como um fortalecimento da cultura, mas muitas vezes também como uma forma de ajuda mutua que esses grupos por vezes precisavam enfrentar. Desta maneira Loner afirma:

A composição dessas associações poderia respeitar critérios étnicos, ou seja, formavam-se entidades que congregavam cada uma das etnias existentes na cidade, como a portuguesa, italiana, alemã, francesa e negra. As entidades de caráter étnico cumpriam várias funções para seus pares, não apenas recreativas, pois eram originariamente sociedades de auxílio mútuo que também se encarregavam da manutenção da língua e costumes da etnia.”

Além das associações étnicas também existiam outras, como afirma Loner:

Outra origem comum para associações recreativas eram as classes ou setores profissionais, como artesãos, operários ou comerciários, e aquelas formadas em volta de um local de moradia, como a Sociedade Recreativa da Luz, que é encontrada desde 1882 (A Discussão,25/9/1882), ou entidades da região do Porto.

É nesse tipo de associação descrita acima que podemos incluir o clube estudado neste trabalho. Embora não se tenha uma informação concreta sobre por qual tipo de relações o clube surgiu, ainda assim ele esta inserido nas “entidades da região do Porto” citado pela autora. O clube está localizado na Rua João pessoa, cuja região é portuária e que conseqüentemente um dia foi repleta de fábricas e locais de moradias de vários operários. O Grêmio esportivo Ruy Barbosa está inserido em uma associação ou clube esportivo na qual foi criado no século XX, porém esse tipo de associação esportiva já



existia antes do século XX como afirma Magalhães:

A partir de 1875, observa-se o aparecimento dos primeiros registros relacionados à prática esportiva em Pelotas, porém, antes mesmo deste ano, atividades de recreação já aconteciam na cidade, não com um intuito esportivo, mas com uma finalidade mais recreativa, pois tratavam-se de intervalos de tempo de mera descontração dos habitantes da cidade que procuravam parques para se divertir (MAGALHÃES, 1993).

A variedade de esportes desta época varia e dentre elas podemos citar o "hypódromo" do Jockey Club (1878) que eram praticas da elite com corridas de cavalo, o “Clube Naval Pelotense” que tinha como objetivo promover a pratica de regatas na cidade, em 1978 teria surgido também praticas de atletismo como o “British & American Athletic Sports” , o ciclismo no final do século XIX com o “Bicyclette Club Pelotense”, o tiro a alvo com a “Associação Alemã de Atiradores” (1876) e por ultimo o futebol onde apenas surgiu em Pelotas no século XX com a criação do clube Sportivo (1906) e no mesmo ano o clube clube Sportivo Internacioanal.

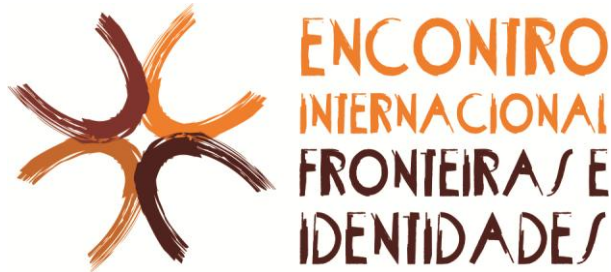
Na tentativa de me aproximar do meu objeto de estudo, busquei ler as pesquisas sobre as associações esportivas da cidade de Pelotas, na qual encontrei estudos sobre o Arealense esporte clube, Vila Hilda, Cruzeiro, Circulo Operário e Fiação e Tecidos. Estas pesquisas, de maneira geral, sintetizam o cenário sobre os clubes esportivo amadores e como estes estavam inseridos, geralmente por relações de trabalho, empresas ou instituições educativas.

Seguindo a linha destes estudos sobre os times amadores da cidade, busquei sobre este clube não apenas tratar sobre a relação esportiva que este mantinha, mas também perceber de que forma e que importância o clube teve para a vida social e de lazer dos residentes do bairro portuário.

Através da História oral busquei entrevistar os frequentadores do clube e residentes do bairro na qual estava inserido.

Com o intuito de traçar as memórias destas pessoas sobre as suas vivencias festivas no clube, o objetivo principal desta pesquisa surgiu em meio aos resultados que obtive e que me levaram a refletir sobre como as memórias variaram de homens para mulheres, ou seja, como a memória variou em gênero.

Quando nos referimos ao conceito “gênero” compreende-se como algo além de



uma questão biológica, mas sim como um produto social construído na base da desigualdade de poder e passado por gerações. Portanto defendo a ideia de Joan Scott na qual “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. O gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990).

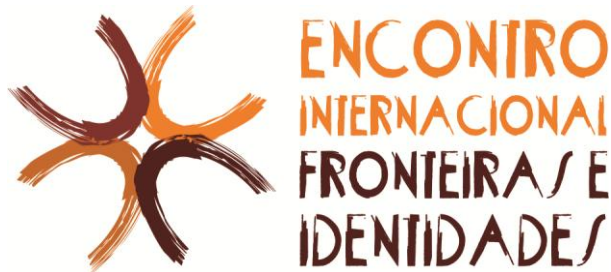
Teorizando sobre a relação entre a memória e gênero, descrita nesta pesquisa, podemos afirmar que a diferenciação da memória inclui a característica por gênero. Neste sentido, Perrot defende que “a memória é um prolongamento da existência, ambas as formas de relação no tempo e no espaço, logo também sexuada” (PERROT, 1987).

Foi através das entrevistas feitas tanto com homens como mulheres, que foi possível notar as diferenças nas memórias a partir de um fator, a princípio, comum a todos frequentadores: Quais eram as regras de comportamentos do clube?

Portanto nesta pesquisa a teoria de Halbwachs sobre a memória coletiva não pode ser aplicada se o foco for a relação às respostas coletadas sobre as regras de comportamento. Foi perceptível que a memória masculina nada tinha em comum com a memória feminina, portanto não defendemos de que a memória é construída apenas na coletividade como acredita Halbwachs, e acreditamos que a memória seja formada a partir das experiências dos indivíduos, no que podemos afirmar também sobre as experiências de gênero.

As memórias masculinas coletadas nessa pesquisa não foram contadas com detalhes e apenas descreviam na totalidade a mesma resposta: “A regra de comportamento era familiar”. As falas dos depoentes não nos respondem o que é um comportamento familiar, é uma resposta que parece estar óbvia e naturalizada, talvez isso se deva ao fato de que embora o homem também fosse pressionado pela sociedade esta pressão não se equipararia as cobranças feitas as mulheres. Ainda assim, os depoimentos dos homens demonstraram certa preocupação com a moral, mas sem o sentimento de “peso” como uma real cobrança à eles próprios. Notou-se que as respostas sobre as condutas também não eram referidas as mulheres, mas sim de forma geral, simplista e sem distingui-las sexualmente.

Foi pelas diferenças nas memórias tratadas nesta pesquisa que defendemos a importância de haver estudos que possam não apenas contrapor “homens” VS



“mulheres”, mas mostrar que dando voz aos dois gêneros é que podemos formar com coerência o quão é importante que haja maiores estudos de história oral, principalmente envolvendo mulheres. A memória feminina foi rica em detalhes, tanto sobre as festas como sobre todas as condutas cobradas à elas. Elas estavam sujeitas à preocupação moral dos seus próprios comportamentos, embora elas quisessem tomar diferentes atitudes havia pressões para que os comportamentos “desviantes” não se mostrassem no clube.

Salvatici em seu ensaio sobre a memória e o gênero discute como a memória feminina tem importância a partir do momento em que tomamos consciência de que a história escrita geralmente excluiu-as, sendo a História oral um meio que possibilitou ter acesso a uma ocasião, por uma perspectiva diferente.

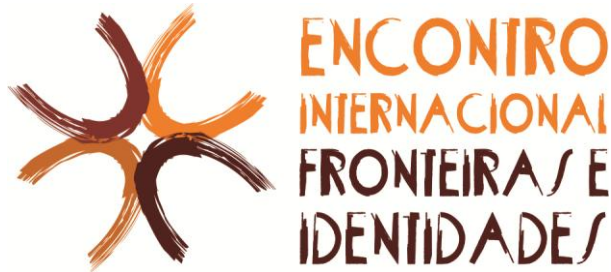
A maior parte do que conhecemos nos é transmitida por homens. Em trabalhos literários, textos normativos, tratados morais e expressões artísticas, ou as mulheres estão completamente ausentes, ou são encontradas dentro do discurso de homens sobre mulheres[...]torna-se necessário isolar fontes variadas ainda produzidas por instituições, mesmo aqueles que permitem às próprias mulheres falar mais diretamente; por conseguinte, na esfera privada, por meio de cartas ou diários (SALVATICI, 2005).

Sendo assim os testemunhos femininos relatam experiências, percepções e interpretações diferentes da experiência masculina, sendo, portanto, uma experiência específica. Em suma, se para os homens o comportamento era apenas “familiar”, para as mulheres era isso e muito mais, é uma memória marcada com angústia e medo como dito durante as entrevistas “tinha que se comportar, deus o livre”. Os depoimentos revelam que a memória das mulheres “é uma memória do privado, voltada para as famílias e o íntimo, o que elas foram delegadas por convenção e posição” (PERROT, 1989).

Referencias bibliográficas

LONER, B. *Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX*. in <<http://www2.ufpel.edu.br/ich/ndh>> Acesso em 20/10/2014.

MAGALHÃES, M.O. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860 - 1890)*. Pelotas: Editora UFPel, 1993.



PERROT, Michelle. “Práticas da memória feminina”, *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9, n.18, ago-set. 1989, p.9 – 18.

_____. *Pratiques de la mémoire féminine*. IN:Traverses, 40, avril 1987, Paris, pgs. 19 a 27.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre história oral de mulheres. *Revista de História Oral*, v. 8, nº 1, 2005. Disponível em <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=issue&op=view&path%5B%5D=11&path%5B%5D=showToc>.

SCOTT, J. W. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Sociedade*, Porto Alegre, v. 16, nº 2, p. 5-22, jul./dez